

TRANSFORMAÇÃO OU HEGEMONIA: DA SUSTENTABILIDADE AOS DISCURSOS RELIGIOSOS NA MANUTENÇÃO CULTURAL

Thiago Breno de Medeiros Carmo ¹

RESUMO

A partir dum sucinto balanço dos caminhos percorridos pela Igreja Católica Apostólica Romana, na apropriação de elementos culturais diversos, para a manutenção da fé cristã, e suas constantes dinâmicas socioculturais inerentes a produção e consumo de insumos naturais, como tratado especificamente neste estudo, o uso de lenha para a confecção de fogueiras nas festividades de São João. Tal estudo se apresenta no intuito investigar as possibilidades de diálogos eficazes para a sensibilização ambiental em variadas faixas etárias, sobretudo, pela capacidade de utilização de novas formas de manifestações cultural-religiosas, que não a utilização de lenhas para a confecção de fogueiras; tendo em vista os inúmeros fatores negativos que podem estar atrelados a esta prática, especialmente o aumento dos índices de extração ilegal. Para a obtenção de tal percepção, foi realizada uma investigação bibliográfica que incorporou os saberes e conhecimentos de importantes autores que versam sobre o viés aqui estudado. As percepções que corroboraram os resultados foram obtidas por entrevistas direcionadas a um padre, bem como a 30 fiéis, com idade entre: 16 e 55 anos, nos dias: 12 e 13 de junho de 2019, na Capela Nossa Senhora Auxiliadora – no bairro de Caeté II – Abreu e Lima – PE. Consolidando o que se esperava entre as diferentes possibilidades de diálogos, a depender do grupo de sujeitos que tem como embasamento de seus saberes culturais, a influência de diferentes fatores modeladores de práticas reflexivas.

Palavras-chave: Ensino de geografia; Ensino religioso; Manutenção cultural.

INTRODUÇÃO

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mais a primeira coisa que se passa na cabeça ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral. (...) não adianta nada a gente explicar o que é efeito estufa; problemas no buraco da camada de ozônio sem antes os alunos, as pessoas perceberem a importância e a ligação que se tem com o meio ambiente, no geral, no todo e que faz parte deles. A conscientização é muito importante e isso tem a ver com a educação no sentido mais amplo da palavra. (...) conhecimento em termos de consciência (...) A gente só pode primeiro conhecer para depois aprender amar, principalmente, de respeitar o ambiente (SEGURA, 2001, p.165).

Sendo a escola o local de ambientação das multiplicidades sociais, e potencialização das tomadas de decisões em conjunto em detrimento das de caráter singular, tem-se na criação de diálogos socioambientais entre as partes que compõem a delimitação dos estudos a serem ministrados, a compreensão primeira daquilo que se imagina como “problema”.

¹ Graduando de licenciatura em geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFP. professorthiagobreno@gmail.com;

Ainda neste contexto, Sousa (2011) caracteriza a escola como sendo “imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade”. Contudo, cabe salientar que além da escola, inúmeros fatores contribuem para a formação do sujeito em seu contínuo processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, levando em consideração as relações trazidas pela influência do discurso religioso na vida de seus respectivos fiéis, dialogando entre os diferentes contextos (sociais, espirituais, culturais e interpessoais), personificam as capacidades de apropriação e reflexão, acima de tudo, da realidade em que se inserem.

Assim, objetivando tal compreensão, o presente estudo se especifica nas festividades juninas, que incorporadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, enquanto forma de sincretismo religioso, se diferencia das demais festividades cristãs, por apresentarem nas fogueiras, que dão significação e representação ao evento, inúmeras constantes, ora positivas, ora negativas, isto a depender das compreensões de quem as analisa.

Deve-se levar em consideração as variáveis condicionantes proporcionadas pelo período temporal em que a representação cultural se insere. Logo, fatores como: negação, resistência, incremento e incorporação, se justificam à medida que assumem a legitimidade necessária a seu reconhecimento. No entanto, sendo cada conjunto temporal responsável pela significação de suas dadas ações, a que compreende a atualidade ao qual nos inserimos, se configura pela preocupação para com o meio ambiente, sobretudo pelas ações antrópicas responsáveis pelo aumento nos índices de negatividades ambientais.

Tendo-se utilizado do diálogo para a promoção dos resultados que se esperavam obter no presente estudo, pôde-se constatar que os níveis de reflexão e reconhecimento enquanto exercício de práticas suscetíveis a degradação ambiental, está condicionada a características que vão além dos níveis de instrução escolar de cada indivíduo, sendo está, considerada por muitos, como elemento promotor de práticas leigas e irracionais. No entanto, elementos como elos fraternos (honorarias a ensinamentos familiares) e religiosos (compromissos com o divino), personificam as interpretações essenciais as conclusões aqui propostas, exponenciando a força do discurso religioso, especificamente, o da Igreja Católica Apostólica Romana na construção de visão de mundo de seus fiéis.

METODOLOGIA

Objetivando investigar a influência do discurso religioso para a sensibilização ambiental, especificamente, no período que antecede e compreende as festas juninas, foi realizada uma investigação bibliográfica que incorporou os saberes e conhecimentos de

importantes autores que versam sobre o viés aqui estudado, como: Chianca, Henrique Leff, Vygotsky e Watson.

Para a formulação das interpretações necessárias ao embasamento dos resultados, foi ministrada uma pesquisa de campo executada nos dias: 12 e 13 de junho de 2019, em caráteres práticos e observacionais, na Capela Nossa Senhora Auxiliadora – no bairro de Caetés II – Abreu e Lima – PE. Onde entrevistas direcionadas ao padre da capela, bem como a uma amostragem de 30 fiéis, sendo estes, 15 adultos com idade entre: 35 e 55 anos, e 15 jovens com idade entre: 16 e 27 anos. Somaram-se as interpretações do autor quanto as possibilidades de diálogos eficazes para a sensibilização ambiental em variadas faixas etárias presentes na comunidade religiosa local.

DESENVOLVIMENTO

Ainda que indiretamente (MARCONADA, 2002), ou diretamente (JESUS, 1989), o Império Romano tenha se valido da instituição religiosa como mecanismo para apaziguar o enorme contingente em seu domínio, bem como eufemizar as atrocidades cometidas aos dominados. A marginalização e punição as práticas das demais formas culturais, sobretudo as de cunho religioso, por serem consideradas profanações a doutrina cristã, instituída como religião oficial (PROENÇA, 2015), somavam-se aos privilégios da igreja enquanto detentora e reguladora de comportamentos, e só contribuíam para com a revolta ao governo romano (HOFFMANN, 2010).

Geertz (1973, p.52) classifica a cultura como sendo “um universo de símbolos que permite aos indivíduos de um grupo interpretarem a experiência e guiarem suas ações”. Assim, tomando como pressuposto os teóricos da fase clássica do behaviorismo, para interpretação da cultura católica cristã, o comportamento humano está condicionado aos estímulos e ações ao qual foi submetido, tornando neutros ou impotentes, as diferentes condições daquilo que já se assumiu como natural (MODERATO E ZIINO, 1994).

Watson (1930), conceitua as condicionantes proporcionadas pelo ente dominador, como sendo o elemento necessário a legitimação e propagação de sua existência, configurando o direcionamento das funções sociais a condição necessária de seu funcionamento.

Deem-me uma dúzia de crianças saudáveis, bem formadas, e um ambiente para criá-las que eu próprio especificarei, e eu garanto que, tomando

qualquer uma delas ao acaso, prepará-la-ei para tornar-se qualquer tipo de especialista que eu seleccione – um médico, advogado, artista, comerciante e, sim, até um pedinte e ladrão, independentemente dos seus talentos, pendores, tendências, aptidões, vocações e raça de seus ancestrais (JOHN WATSON, 1930).

Skinner (1969, 1981) afirma que tal princípio pode ser personificado no contexto cultural dum determinado grupo de indivíduos, como a resistência ditada pelo ente dominador, a elementos doutra cultura, ao considerar a miscigenação de comportamentos, uma negativa as condições de sobrevivência dada pela ação cultural já instituída. Contudo, viu-se na adaptação da fé cristã, pela inserção de elementos folclóricos, tidos primeiramente como formas de adoração pagã, uma das alternativas da igreja em se adequar as novas realidades, mudando os significados de estruturas materiais e espirituais comuns aos personagens cristãos, em proou de sua manutenção cultural (FRANCO JR., 2006, p.104-105).

Dentro deste contexto, Chianca (2007), classifica a confecção de fogueiras não apenas como instrumentos munidos de simbologia cultural, mas também como elos de personificação, que se integram a uma vasta rede comportamental, tendo na representação de cada elemento, a significação necessária aos costumes de cada época ao qual se insere. Sendo primeiramente, destinada ao culto de adoração a deuses como: Sol e Fertilidade; incorporado aos costumes cristãos, passando a representar a queima dos pecados e prazeres carnavais e a exaltação da santidade de Deus; e por fim, a representação segundo São João Batista, um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, e santo da Igreja Católica Romana,

Mesmo que não exposto diretamente nos escritos da bíblia -conjunto de textos sagrados aos cristãos-. As fogueiras seriam, segundo uma interpretação popular, a forma que Isabel, a mãe de João Batista, viu de avisar a sua prima Maria, a mãe de Jesus Cristo, sobre o nascimento de seu filho, por elas estarem a uma distância consideravelmente visível uma da outra, porém de difícil locomoção, por se tratar de dois montes.

Martin (1998, pag. 348-349) expõe que a ludicidade contida no elemento central da adesão popular, estava sobretudo, contida na representação enquanto demonstração de status econômicos e sociais, promovidos desde as características e proporções festivas de cada igreja, as diferentes formas e tamanhos assumidos nas confecções familiares de seus símbolos juninos.

Avista disto, Leff, (2001) caracteriza que toda argumentação acerca das complexidades resultantes ao caráter desenvolvimentista, se incorporaram ao sistema capitalista de produção e consumo, na eufemização das práticas comportamentais de massa, que difundidas socialmente pelo globo, promovem a ``crise civilizacional`` gerada pelo

consumo predatório dos bens naturais. Tal pensamento também se sustenta por Fontes (2010, p.147) como sendo a própria vida humana e social, a condição necessária aos espaços de manutenção e expansão do capital.

Neste sentido, buscando adequar as novas realidades socioambientais, a continua expansão de atividades extrativas, sobretudo, em áreas de preservação ambiental. Foi instituído em caráter complementar ao Código Florestal Brasileiro: Lei nº 6.938/1981; a Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998: Lei de crimes ambientais, que estipula:

[...] Art. 50. Destruir ou danificar florestas nativas ou plantadas ou vegetação fixadora de dunas, protetora de mangues, objeto de especial preservação:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

Art. 50-A. Desmatar, explorar economicamente ou degradar floresta, plantada ou nativa, em terras de domínio público ou devolutas, sem autorização do órgão competente: (Incluído pela Lei nº 11.284, de 2006)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 11.284, de 2006)

§ 1º Não é crime a conduta praticada quando necessária à subsistência imediata pessoal do agente ou de sua família. (Incluído pela Lei nº 11.284, de 2006)

§ 2º Se a área explorada for superior a 1.000 ha (mil hectares), a pena será aumentada de 1 (um) ano por milhar de hectare. (Incluído pela Lei nº 11.284, de 2006), (Brasil, 1998).

Assim, ao analisarmos o relatório promovido pela fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para o estado de Pernambuco; onde as manifestações juninas se configuram com maior força nacional, tem-se que:

Passira foi o município pernambucano que mais desmatou a Mata Atlântica entre 2014 e 2015, com a eliminação de 51 hectares (aproximadamente a área de 51 campos de futebol) de floresta nativa. No sentido inverso, Abreu e Lima foi a cidade do estado que mais conservou o seu bioma, com 61,4% do total natural preservado (ATLAS DA MATA ATLÂNTICA PARA O ESTADO DE PERNAMBUCO, 2016, p. 1).

Nisto, tendo em vista a relevância dos dados, quanto a confecção de fogueiras na manutenção da tradição dos festejos juninos. Rego apud Vygotsky (1994) nos expone que a soma dos processos intrínsecos a formação dos indivíduos, se dá pelas interações com seu grupo social e com os objetos de sua cultura, passando assim, a governar o comportamento e o desenvolvimento do seu pensamento. Logo compreender as diferenças que propiciam as condições necessárias a sensibilização ambiental, enquanto elemento formadoras de práticas

sustentáveis, se possibilitam através da produção de novas formas de reflexões analítico-comportamentais (ANDERY, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a obtenção dos resultados propostos pelo seguinte estudo, foi ministrado a aplicação de perguntas diretas, em forma de diálogos de grupo. Onde a concordância entre as respostas dos entrevistados, seriam levadas em consideração como resposta final. Objetivando a não influência de um grupo por sobre o outro, as entrevistas foram feitas separadamente para cada grupo, sendo na ordem: O representante da igreja: Pe. Antônio; os fiéis com idade entre 35 e 55 anos; e por fim, os fiéis com idade entre 16 e 27 anos. Isto objetivando a constatação dos conhecimentos dos fiéis por sobre os fatores ambientais envolvidos nos festejos juninos; bem como da possibilidade de diálogos de sensibilização ambiental, para com os membros entrevistados.

Nessa perspectiva, no que tange as percepções obtidas pela entrevista com o padre Antônio. O mesmo afirmou que: existe sim, uma educação voltada a sensibilização ambiental, não só para o período que antecede, como para o que compreende os festejos juninos. Também ressaltou que: para todas as fases sociais dos fiéis é ministrada uma contínua educação espiritual voltada a vida em sociedade dos fiéis; e que estes ensinamentos independentes das localizações dos templos, ou níveis de escolarizações dos fiéis.

Quanto a produção de fogueiras nos períodos cabíveis as mesmas; o padre expos, que a igreja confecciona uma modesta fogueira, cedida por algum fiel aleatório, em caráter de doação. Porém, quando questionado pelo entrevistador, sobre o conhecimento da procedência da legalidade quanto a extração da lenha doada, o mesmo relatou desconhecer a origem das lenhas, mas acredita firmemente no caráter legal, daqueles que fazem as doações.

No que tange as possibilidades de novas formas de se expressar a representatividade dos festejos juninos, através de práticas menos susceptíveis a degradação ambiental, o padre relatou que isto já acontece na área paroquial ao qual ele é responsável. Isto através de um de seus discursos, que segundo Ele, enfatiza os fiéis a não gastarem dinheiro com a compra de lenha para confeccionar fogueiras, pois este dinheiro pode ser aplicado em doações voltadas para a melhoria do tempo, e outras obras eclesiais, e que a própria igreja, como anteriormente citado, possui um exemplar, que ainda segundo o padre, apesar de modesta, representa todos os fiéis da capela.

Já em se tratando das interpretações que puderam ser obtidas pelas entrevistas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

direcionadas aos 30 fiéis, pôde-se perceber uma disparidade entre ambos. Levando-se em consideração o que propôs Rego apud Vygotsky (1994), os processos de interação que moldam as características sociais de cada grupo de indivíduos, se modificam à medida que outras influências se somam ao que já se foi aprendido.

Neste sentido, se destacou entre os entrevistados com idades entre 35 e 55 anos, que a susceptibilidade aos ensinamentos da igreja, e sua resistência a novas formas de se expressar, como exposto por Skinner (1969, 1981), se configuram como a perpetuação sociocultural pelo ente dominador. Tal confirmação se dá, por segundo os entrevistados, em atualmente, a igreja não influenciar diretamente seus fiéis a confecção de fogueiras na época junina, mas os mesmos sentem-se responsáveis em fazer, em memória ou a pedido de entes familiares mais velhos, que diretamente podem ter sido influenciados por uma outra forma de ensinamento cristão.

Já quando convidados a dialogar sobre a possibilidade de novas formas de simbologias juninas, que não a confecção de fogueiras, pôr as mesmas serem suscetíveis ao aumento dos índices de degradações ambientais, os mesmos se mostraram unânimes em descartar a possibilidade de abandonar a prática, tal representação de pensamentos, se deu segundo Eles: pôr a questão ambiental intrínseca ao evento, ser desprezível em relação as tantas outras formas de destruições do meio natural.

Por fim, quanto as percepções obtidas pela entrevista direcionada aos jovens fiéis, de idade entre 16 e 27 anos, que vale salientar, ter sido as mesmas perguntas direcionadas ao grupo anterior (mais velhos), os mesmos se mostraram bem mais predispostos a um diálogo de sensibilização ambiental. Isto pôr, em suas respostas; mesmo desconhecendo o que foi respondido pelos grupos anteriores, os mesmos declararem que a igreja promove indiretamente, relações de competição, e demonstrações de poderio social, através dos festejos juninos.

Já no que se refere, a possibilidade de novas práticas em expressar as simbologias juninas, que não a confecção de fogueiras, os jovens se mostraram divididos. Alguns mencionaram ser as fogueiras, desnecessárias ao culto de festejo da santidade, bem como contribuintes a poluição atmosférica e susceptíveis a contribuição do aumento nos índices de desmatamento. Em contrapartida, a outra parte afirmou ser as fogueiras, um símbolo inegável da representatividade cristã, ainda que direta ou indiretamente, sejam as mesmas, contribuintes de variados índices de negatividades; sua supressão/modificação se configuraria como um crime a memória cultural duma religião milenar.

Logo, tornou-se visível que a possibilidade de produção de novas formas de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

manifestações culturais que personifiquem os festejos juninos, sem a necessidade da confecção de fogueiras, está suscetível as características de cada sujeito entrevistado, sendo os portadores de idades entre os 25 e 55 anos, mais conservadores quanto a ideia de sensibilização ambiental, chegando até a considerar irrelevante os prejuízos ambientais gerados na época do festejo, sobretudo, desmatamento e poluição atmosférica. Por fim, já os mais jovens, por se configurarem sujeitos influenciados por uma nova forma de diálogo, consoante as novas realidades ambientais da sociedade, mostram-se preocupados, isto em um misto que compreende os valores sociais e familiares, sendo este último, o promotor de algumas características de resistência quanto a reflexibilidade ambiental, porém elemento impar da legitimação pessoal para o reconhecimento da cultura que o representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ainda que as entrevistas tenham sido fundamentadas por poucas perguntas, as proporções que os diálogos tomaram em relacionar os discursos religiosos as novas realidades socioambientais, possibilitaram a reflexão acerca de práticas sensíveis a conscientização ambiental. Ainda que sendo incerta a prática de tais relações em novas formas de manifestações culturais, viu-se como importante a criação de diálogos entre as diferentes partes que compõem o todo envolvido na manutenção cultural da festividade, isto em escala local, por se tratar dos pequenos espaços geográficos, os ambientes que diferentemente dos grandes centros sociais, sofrem uma menor interferência da culturas de massa, que com caráter mitigatório, se apropriam das características dos festejos culturais, e os suprimem em caráter de promoção aos ganhos financeiros, sobretudo, nas áreas de maior concentração urbana.

Classificar que se pôr além de todas as dificuldades presenciadas na prática de ensino-aprendizagem, se faz necessária na busca e promoção das capacidades dos envolvidos aos processos de reflexão e produção de análises críticas de suas realidades sociais e naturais. Sendo as comunidades locais, as áreas de apropriação e reconhecimento das manifestações culturais, dar visibilidade aos processos naturais, bem como a sua susceptibilidade a ações degradantes, é uma estratégia que promove a consciência e a responsabilidade ambiental (HOUGH, 1995).

Ainda que sejam muitas as dificuldades, para a continua compreensão, acerca das limitações envolvendo as práticas culturais, acima de tudo, as passadas por gerações, temos

nos entes promotores de conhecimentos, a responsabilidade para com a promoção da compreensão socioespacial e interacional entre o aluno e o mundo. Onde assim, posterior a obtenção das capacidades reflexivas, os sujeitos que se configuram como o futuro da perpetuação cultural, ainda que munida de diversificações temporais, extrapolam os limites físicos da sala de aula e da vida cotidiana, moldando-se pelo caráter interdisciplinar e dinâmico pertencente as dinâmicas sociais (BASSANI; CARVALHO, 2004). Levando-nos a um questionamento que poderá ser respondido em outros estudos, em até que ponto a legitimação duma dada cultura religiosa deve se sobrepor as condicionantes ambientes de susceptibilidade negativa, que a mesma proporciona para o bem comum.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. P. A. (2011). **Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. Perspectivas em Análise do Comportamento**, 2, 203-217. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v2n2/v2n2a06.pdf>> Acessado em: 09 de jun. de 2019.

BASSANI, P. & CARVALHO, M. A. V. (2004). **Pensando a sustentabilidade: um olhar sobre a agenda 21**. Desenvolvimento e Meio Ambiente. Capa. v.9 (2004). Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3082>> Acessado em: 16 de jun. de 2019

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **Lei de crimes ambientais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm> Acessado em: 09 de jun. de 2019.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Código Florestal Brasileiro**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm> Acessado em: 09 de jun. de 2019.

CHIANCA, L. O. (2007). **Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos**. Revista Antropológicas. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23701>> Acessado em: 11 de jun. de 2019.

Fundação SOS Mata Atlântica. **Atlas da Mata Atlântica faz radiografia do desmatamento em Pernambuco**. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Atlas-munic%C3%ADpios-SOS-Pernambuco.pdf>> Acessado em: 11 de jun. de 2019.

FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010. Disponível em: <http://resistir.info/livros/brasil_capital_imperialismo.pdf>. Acessado em: 08 de jun. de 2019

FRANCO, JR. H. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GEERTZ, C. (1973). **A interpretação das culturas**. Nova York: livros básicos. Disponível em: <https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf>. Acessado em: 11 de jun. de 2019.

HOFFMANN, M. S. **O domínio ideológico da igreja durante a alta idade média ocidental**. **Revista historiador**, v. 1, p. 105, 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/mauro.pdf>>. Acessado em: 11 de jun. de 2019.

HOUGH, M. **Cidades e Processo Natural**. Londres: Editora Routledge, 1995. MMM. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao>>. Acessado em 16 de jun. de 2019.

LEFF, E. FREIREVIEIRA, P. **Epistemologia ambiental**. Editora Cortez, 2001. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/260145043/LEFF-2010-Epistemologia-Ambiental-eBook>> Acessado em: 09 de jun. de 2019.

JESUS, A. T. **Educação e hegemonia no pensamento de Antônio Gramsci**. São Paulo: Cortez; Campinas: editora da Unicamp, 1989.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

SOUSA, G. L. **A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos (Online), v. 2, p. home, 2011. Disponível: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>>. Acessado em: 09 de jun. de 2019.

SKINNER, B. F. (1969). **Contingências de reforço: uma análise teórica**. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts.

MARCONADA, M. A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTIN, J. Y. 1998. **Identidades e territorialidades no Nordeste do Brasil: o caso do Rio Grande do Norte**. (Tese de Doutorado) Bordeaux: University Bordeaux 3.

MODERATO, P. & ZIINO, M. (1994). **A evolução do paradigma behaviorista: do mecanicismo ao contextualismo**. Arquivos de Psicologia, Neurologia e Psiquiatria, 55, 447-470.

PROENÇA, W. L. (2015). **Festa junina: origens históricas e culturais**. Disponível em: <http://www.ftsa.edu.br/site/index.php/artigos/437-festa-junina-origens-historicas-e-culturais#_ftnref1>. Acessado em: 15 de jun. de 2019.

VIGOTSKY, T.C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível em: <https://www.academia.edu/31121677/VYGOTSKY_uma_perspectiva_hist%C3%B3rico-cultural_da_educa%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 09 de jun. de 2019.

WATSON, J. B. **Behaviorismo**. Ed. rev. Nova York: Norton, 1930. Disponível em <<https://psycnet.apa.org/record/1931-00040-000>>. Acessado em: 17 de jun. de 2019.

APÊNDICE

Perguntas direcionadas ao padre da capela (Pe. Antônio):

- Existe uma educação contida direta ou indiretamente no discurso religioso voltada a sensibilização de uma consciência ambiental, quanto ao uso de madeira na confecção de fogueiras presentes nas festas de São João?
- A igreja em questão aqui estudada, confecciona fogueiras nos festejos juninos? Se sim, tem-se a procedência quanto a legalidade da extração da madeira?
- A inserção de simbologias atreladas a manutenção da cultura religiosa cristã romana, é algo que se perpassa por gerações. Em seu ponto de vista, o enquadramento de novas formas de se expressar culturalmente, envolvendo práticas menos suscetíveis a

degradação ambiental, seria possível em escalas locais? Ou tal exercício depende da autorização eclesial superior?

Perguntas direcionadas aos 30 fiéis (15 com idade entre 35 e 55 anos e 15 com idades entre 16 e 27 anos):

- É perceptível os ensinamentos da igreja em sua formação sociocultural, sobretudo, na manutenção da cultura junina, isto, através da confecção de fogueiras?
- Sendo o significado atrelado a simbologia que a fogueira traz para as celebrações juninas, você acredita, embora reconhecer o mínimo sobre a susceptibilidade da ilegalidade ambiental, que a confecção das fogueiras podem configurar, que seria possível novas formas de expressar a fé nessa época festiva, que não por fogueiras?